

o legado

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para os meus filhos e para os seus filhos.
E para todos os que vierem depois.*

• PRIMEIRA PARTE •

AMBIÇÕES



*O poder para fazer o bem é o verdadeiro
e legítimo propósito da ambição.*

— SIR FRANCIS BACON

CAPÍTULO UM

Georgetown



A primeira vez em que Adrian Rizzo viu o pai, ele tentou matá-la. Aos sete anos, o seu mundo era um movimento constante. A menina vivia durante a maior parte do tempo com a mãe — e com Mimi, que cuidava de ambas — em Nova Iorque. Contudo, às vezes, passavam umas semanas em Los Angeles, Chicago ou Miami.

No verão, passava, pelo menos, duas semanas com os avós, em Maryland. Isso, na sua opinião, era o mais divertido, porque eles tinham cães, um pátio grande onde ela podia brincar e um pneu que era um baloiço.

Quando viviam em Manhattan, ia à escola e até gostava. Tinha aulas de dança e fazia ginástica, e, para si, isso era muito melhor do que a escola.

Quando viajavam por causa do trabalho da mãe, Mimi dava-lhe aulas em casa porque ela tinha de ser educada. Mimi incluía na sua educação aprendizagem sobre o lugar onde se encontravam. Como iam ficar um mês inteiro em Washington D.C., isso incluía visitar os monumentos, fazer uma visita guiada à Casa Branca e ir ao Smithsonian.

Às vezes, ela trabalhava com a mãe e gostava muito. Sempre que participava num dos vídeos de *fitness* da mãe, tinha de aprender uma sequência de exercícios, como uma dança cárdio ou posturas de ioga.

Adrian gostava de aprender, gostava de dançar.

Aos cinco anos gravara com a mãe um vídeo dirigido a crianças e famílias e outro sobre ioga, pois, afinal, ela *era* a bebé de Bebé Ioga, a empresa da mãe. Estava orgulhosa e entusiasmada porque a mãe lhe dissera que fariam outro, talvez quando completasse dez anos, tendo em vista esse grupo etário.

A mãe sabia tudo sobre grupos etários, demografia e coisas do estilo. Adrian ouvia-a falar desses assuntos com o seu agente e os seus produtores. A

mãe também sabia muito sobre *fitness*, conexão mente-corpo, nutrição, meditação, e muitas coisas assim. Não sabia cozinhar — não como o avozinho e a avozinha, que tinham um restaurante — e não gostava de jogar como Mimi, porque estava muito ocupada a construir a carreira. Tinha muitas reuniões, ensaios, sessões de planificação, presenças e entrevistas.

Aos sete anos, Adrian já percebia que Lina Rizzo não sabia muito do que era ser mãe. Ainda assim, não se importava que Adrian brincasse com a sua maquilhagem — desde que voltasse a guardar tudo no devido lugar — e nunca se zangava quando a menina se enganava durante uma sequência.

O melhor daquela viagem era que, em vez de regressarem a Nova Iorque quando a mãe terminasse aquele vídeo e todas as entrevistas e reuniões, iriam passar um fim de semana prolongado com os avós.

Adrian tencionava tentar convencê-la a prolongar a estada para uma semana, mas, para já, estava sentada à porta, no chão, a ver a mãe compor outra sequência de exercícios.

Lina havia escolhido aquela casa para passar o mês porque tinha um ginásio com paredes espelhadas, algo tão essencial para ela como o número de quartos. Fazia agachamentos, elevações de joelho e *burpees*... Adrian sabia os nomes todos... enquanto falava para o espelho, o seu público, dando instruções e palavras de motivação.

De vez em quando, dizia um palavrão e recomeçava um exercício.

Adrian achava-a linda, como uma princesa suada, embora não estivesse maquilhada porque ali não havia pessoas nem câmaras. Tinha olhos verdes como a avozinha e uma pele de quem tomava banhos de sol, embora não o fizesse. Os seus cabelos, apanhados num puxo, eram da cor das castanhas quentes e cheirosas que vinham dentro de um pacote e se compravam na época do Natal.

Lina era alta — não tão alta como o avô — e Adrian esperava também vir a sê-lo quando crescesse. Vestia uns calções muito curtos e justos e um sutiã desportivo, mas nos vídeos e nas presenças não usava nada muito revelador, porque dizia que não era elegante.

Como havia sido criada para ser consciente da sua saúde física e mental, Adrian sabia que a mãe estava em forma, firme e fabulosa.

Murmurando para si mesma, Lina parou para tomar algumas notas que Adrian sabia serem sobre o plano geral do vídeo. Aquele incluiria três segmentos de trinta minutos — cárdio, treino localizado e ioga — e um segmento extra de quinze minutos com exercícios para o corpo todo.

Lina agarrou numa toalha para secar o rosto e viu a filha.

— Raios, Adrian! Pregaste-me um susto! Não sabia que estavas aí. Onde está a Mimi?

- Está na cozinha. O jantar vai ser frango com arroz e espargos.
- Ótimo. Porque não lhe dás uma ajuda? Preciso de tomar um duche.
- Porque é que estás zangada?
- Eu não estou zangada.

— Estavas zangada quando estavas a falar com o Harry ao telefone. Gritaste-lhe que não tinhas falado com ninguém, muito menos com um jornalista qualquer de tabloides a quem chamaste um palavrão.

Lina arrancou o elástico do cabelo, como fazia sempre que tinha dores de cabeça.

- Não devias escutar conversas particulares.
- Eu não escutei, eu *ouvi*. Estás zangada com o Harry?

Adrian gostava muito do publicista da mãe. Ele passava-lhe pacotinhos de *M&M's* ou de *Skittles* às escondidas e contava-lhe anedotas engraçadas.

— Não, não estou zangada com o Harry. Vai ajudar a Mimi. Diz-lhe que desço daqui a uma meia hora.

Ela estava chateada, sim, pensou Adrian quando a mãe se afastou. Talvez não com Harry, mas com alguém, porque se enganara muitas vezes durante os exercícios e dissera muitos palavrões.

A mãe quase nunca se enganava.

Ou talvez estivesse apenas com dores de cabeça. Mimi dizia que, às vezes, quando tinham demasiadas preocupações, as pessoas ficavam com dores de cabeça.

Adrian levantou-se do chão, mas como ajudar a fazer o jantar era uma chatice, entrou no ginásio. Parou diante dos espelhos; uma menina alta para a sua idade, com os cabelos encaracolados — pretos como haviam sido os do avô — escapando de um elástico verde. Os olhos tinham demasiado dourado para serem considerados verdadeiramente verdes como os da mãe, mas alimentava a esperança de que viessem a mudar.

Com os seus calções cor-de-rosa e *t-shirt* florida, fez uma pose. Ligou a música na sua cabeça e começou a dançar.

Adorava as aulas de dança e de ginástica quando estavam em Nova Iorque, mas naquele momento não se imaginava a ter uma aula, mas a sim a dá-la.

Rodopiou, pontapeou o ar, deu um salto mortal apoiado nas mãos e fez a espargata. Foi inventando e divertiu-se durante vinte minutos. Os últimos vinte minutos de inocência na sua vida.

Então, alguém tocou à campainha da porta da frente. Tocou insistentemente. Era um som irritante, um som que nunca mais esqueceria.

Adrian não tinha autorização para abrir a porta, mas isso não a impedia de ir ver quem era. Foi até à sala de estar e saiu para o *hall* quando Mimi surgiu

da cozinha e avançou apressadamente enquanto limpava as mãos a um pano da louça vermelho-vivo.

— Por amor de Deus! Onde é que é o fogo? — Mimi revirou os olhos castanho-escuros em direção a Adrian e prendeu o pano ao cós das calças de ganga. Embora fosse uma mulher de pequena estatura, tinha uma voz potente. — Aguenta os cavalos, raios! — gritou.

Adrian sabia que Mimi era da idade da sua mãe porque tinham andado juntas na faculdade.

— Qual é o problema? — perguntou Mimi com brusquidão, enquanto destrancava e abria a porta.

Do sítio onde estava, Adrian viu a expressão de Mimi passar de irritada — como ficava quando ela não arrumava o quarto — a assustada.

E aconteceu tudo muito rapidamente.

Mimi tentou fechar de novo a porta, mas o homem abriu-a com um encontrão e empurrou-a para trás. Era um homem grande, muito maior do que Mimi. Tinha uma barbicha com alguns pelos grisalhos, e mais fios grisalhos nos cabelos, como asas prateadas sobre ouro, mas tinha o rosto todo vermelho, como se tivesse estado a correr. O choque que Adrian sentiu ao ver o homem grande empurrar Mimi deixou-a petrificada.

— Onde raios é que ela está?

— Ela não está aqui. Não podes entrar assim. Sai. Sai já daqui, Jon, senão eu chamo a polícia.

— Cabra mentirosa. — O homem agarrou no braço de Mimi e sacudiu-a. — Onde é que ela está? Ela pensa que pode andar por aí a falar, a arruinar a minha *vida*?

— Tira as mãos de cima de mim. Estás bêbedo.

Quando Mimi tentou libertar-se, ele deu-lhe uma bofetada. O som ressoou como um tiro dentro da cabeça de Adrian e ela saltou para a frente.

— Não lhe batas! Deixa-a em paz!

— Adrian, vai lá para cima. Vai imediatamente lá para cima.

Contudo, irritada, Adrian cerrou os punhos.

— Ele tem de se ir embora!

— Por isto? — perguntou o homem com rispidez, olhando para Adrian. — É por isto que ela arruína a minha vida? Não me parece grande coisa. Ela deve ter andado a deitar-se com meio mundo e está a tentar imputar-me a bastardinha. Merda para isso. Merda para ela.

— Adrian, lá para cima. — Mimi virou-se e Adrian não viu fúria, como a que ela sentia, mas medo. — *Agora!*

— A cabra está lá em cima, não está? Mentirosa. Pois é isto que eu faço a

mentirosas. — Desta vez não lhe deu uma bofetada, mas usou o punho uma e outra vez no rosto de Mimi.

Quando Mimi caiu desamparada, o medo invadiu Adrian. Ajuda. Precisava de ir buscar ajuda.

No entanto, ele apanhou-a nas escadas, puxou-lhe a cabeça para trás agarrando-a pelo encaracolado rabo de cavalo.

Ela gritou, gritou pela mãe.

— Sim, chama a mamã. — Deu-lhe uma bofetada e deixou-lhe o rosto a arder como fogo. — Nós queremos falar com a mamã.

Quando ele a arrastava pela escada acima, Lina saiu a correr do quarto, envolta num roupão e de cabelos ainda molhados do duche.

— Adrian Rizzo, o que... — Estacou e ficou imóvel enquanto fitava o homem. — Larga-a, Jon. Larga-a para tu e eu podermos falar.

— Já falaste o suficiente. Arruinaste-me a vida, saloia idiota.

— Eu não falei com aquele jornalista, nem com ninguém, sobre ti. Aquela história não saiu da minha boca.

— Mentirosa! — Puxou de novo os cabelos de Adrian, com tanta força que a menina sentiu como se a cabeça estivesse em chamas.

Lina avançou cuidadosamente dois passos.

— Larga-a e vamos resolver isto. Eu posso resolver isto.

— Demasiado tarde. A universidade suspendeu-me esta manhã. A minha mulher está mortificada. Os meus filhos... e não creio por um segundo que esta fedelha seja minha... estão a chorar. Tu voltaste para cá, para a *minha* cidade, para fazeres isto.

— Não, Jon. Vim a trabalho. Eu não falei com o jornalista. Já se passaram mais de sete anos, Jon, porque faria isto agora? Porque o faria de todo? Estás a magoar a minha filha. Para de magoar a minha filha.

— Ele bateu na Mimi. — Adrian conseguia sentir o aroma do duche e do champô da mãe; a subtil doçura das flores de laranjeira. E o fedor que vinha do homem que não conhecia era a suor e *bourbon*. — Ele bateu-lhe na cara e ela caiu.

— O que é que tu... — Lina desviou os olhos do homem para espreitar por cima do corrimão que atravessava o primeiro andar. Viu Mimi, de rosto ensanguentado, a rastejar para trás de um sofá. Voltou a olhar para Jon. — Tens de parar com isto antes que alguém sofra a sério, Jon. Deixa-me...

— Eu estou a sofrer, puta de merda!

A voz dele soava irritada e ardente como o seu rosto, como o fogo que ardia no couro cabeludo de Adrian.

— Lamento que isto tenha acontecido, mas...

— A minha família está a sofrer! Queres ver alguém sofrer? Comecemos pela tua bastarda.

Ele atirou-a. Adrian teve a sensação de voar, por um breve e terrível instante, antes de embater na borda do degrau superior. O fogo que sentia na cabeça brotou-lhe no pulso e na mão e alastrou-se ao braço. Depois, a sua cabeça bateu violentamente contra a madeira e ela só conseguia ver a mãe enquanto o homem cambaleava na sua direção.

Ele batia-lhe, batia-lhe, mas a mãe batia-lhe também e pontapeava-o. E havia sons horríveis, tão horríveis que Adrian queria tapar os ouvidos, mas não conseguia mexer-se, só tremer, ali estatelada nos degraus. Mesmo quando a mãe lhe gritou que fugisse, não conseguiu.

O homem tinha as mãos em torno do pescoço da sua mãe e sacudiu-a, mas ela deu-lhe um estalo no rosto, como ele havia feito com Mimi.

Havia sangue, havia sangue na sua mãe e no homem. Estavam agarrados um ao outro, quase como num abraço, mas duro e hostil. Então, a mãe pisou o pé do homem e levantou abruptamente o joelho, e, quando ele se desequilibrou para trás, ela empurrou-o.

Ele embateu no corrimão e voou.

Adrian viu-o esbracejar e cair. Viu-o cair violentamente sobre a mesa onde a mãe tinha flores e velas. Ouviu aqueles sons terríveis. Viu que lhe escorria sangue da cabeça, dos ouvidos e do nariz.

Viu...

A seguir, a mãe levantou-a, virou-a e encostou-lhe o rosto contra o peito.

— Não vejas, Adrian. Já passou.

— Dói-me.

— Eu sei. — Lina segurou o pulso de Adrian com cuidado. — Vou tratar disso. Mimi. Oh, Mimi.

— A polícia está a caminho. — De olho inchado, meio fechado e já a enegrecer, Mimi subiu vacilantemente os degraus, sentou-se e rodeou ambas com os braços. — A ajuda vem a caminho.

Por cima da cabeça de Adrian, Mimi formou duas palavras com os lábios: «Está morto.»

Adrian nunca esqueceria a dor e os olhos azuis serenos do paramédico que lhe estabilizou a fratura em ramo verde¹ do pulso. Também tinha uma voz tranquila quando lhe apontou uma pequena lanterna para os olhos e lhe perguntou quantos dedos via.

¹ Fratura incompleta do osso. (N. de T.)

Nunca esqueceria os polícias, os primeiros a chegar depois de as sirenes se terem silenciado. Os de uniforme azul-escuro.

Mas quase tudo o que acontecia lhe parecia turvo e distante.

Reuniram-se na sala de estar do primeiro andar, com a vista para o pátio traseiro e o seu pequeno lago *koi*. A polícia falou sobretudo com a mãe, porque Mimi havia sido levada para o hospital. A mãe disse-lhes que o homem se chamava Jonathan Bennett e que dava aulas de Literatura Inglesa na Universidade de Georgetown... pelo menos quando o conheceu. Relatou o que havia acontecido, ou melhor, começou a fazê-lo.

Então, entraram um homem e uma mulher. O homem era muito alto e usava uma gravata castanha. Tinha pele castanho-escuro e os dentes muito brancos. A mulher tinha cabelo ruivo curto e sardas por todo o rosto. Usavam crachás como nos programas de televisão.

— Senhora Rizzo, sou a detetive Riley e este é o meu parceiro, o detetive Cannon. — A mulher voltou a prender o crachá no cinto. — Sabemos que isto é difícil, mas temos de vos fazer umas perguntas, a si e à sua filha. — Sorriu para Adrian. — Chamas-te Adrian, certo?

Quando Adrian anuiu com a cabeça, Riley olhou para Lina.

— Não se importa que a Adrian me mostre o seu quarto e que eu converse lá com ela enquanto a senhora conversa com o detetive Cannon?

— Será mais rápido dessa forma? Levaram a minha amiga, a ama da minha filha, para o hospital. Nariz partido e traumatismo craniano. E a Adrian tem o que o paramédico acredita ser uma fratura em ramo verde no pulso esquerdo, e também bateu com a cabeça.

— A senhora também parece um pouco maltratada — comentou Cannon, e Lina encolheu os ombros e contraiu-se de dor.

— As costelas magoadas irão sarar e a minha cara também. Ele agrediu-me principalmente na cara.

— Podemos levá-las para o hospital agora e conversar lá depois de terem sido vistas por um médico.

— Prefiro ir quando... terminarem lá em baixo.

— Entendo. — Riley voltou a olhar para Adrian. — Podemos falar no teu quarto, Adrian?

— Acho que sim. — A menina levantou-se, segurando o braço ligado contra o peito. — Não vou deixar que levem a minha mãe para a prisão.

— Não sejas tola, Adrian.

Ignorando a mãe, Adrian fitou Riley nos olhos. Eram verdes, mas de um tom mais claro do que os da sua mãe.

— Não vou deixar.

— Entendido. Vamos só conversar, está bem? O teu quarto fica aqui em cima?

— Segunda porta à direita — disse Lina. — Anda, Adrian, vai com a detetive Riley. Depois vamos ver como está a Mimi. Vai ficar tudo bem.

Adrian indicou o caminho e Riley voltou a sorrir quando entraram num quarto decorado em tons rosas e verdes primaveris. Em cima da cama estava um grande cão de peluche.

— Que quarto tão bonito. E está muito bem arrumado.

— Tive de o arrumar hoje de manhã, senão não podia ir ver as flores de cerejeira nem comer *sundaes*. — Contraiu-se como Lina havia feito. — Não diga nada dos *sundaes*. Era suposto irmos comer iogurte gelado.

— É um segredo nosso. A tua mãe é muito rigorosa com a tua alimentação?

— Às vezes. Quase sempre. — Os olhos de Adrian encheram-se de lágrimas. — A Mimi vai morrer como aquele homem?

— Ela ficou ferida, mas não é nada muito grave. E sei que estão a cuidar bem dela. E se nos sentássemos aqui com este amiguinho? — Riley sentou-se na beira da cama e fez uma festa ao cão de peluche. — Como se chama?

— Chama-se *Barkley*. O Harry ofereceu-mo no Natal. Não podemos ter um cão de verdade agora, porque vivemos em Nova Iorque e viajamos muito.

— Ele parece ser um cão fantástico. Podes contar-me e ao *Barkley* o que aconteceu?

As palavras saíram em torrente, como a água de uma barragem rachada.

— O homem veio à porta. Começou a tocar sem parar, por isso eu fui ver quem era. Não posso abrir a porta a ninguém, por isso esperei pela Mimi. Ela saiu da cozinha e abriu a porta. Depois tentou fechá-la outra vez, muito depressa, mas ele empurrou-a, a porta e a ela. Quase a deitou ao chão.

— Conhecias o homem?

— Não, mas a Mimi, sim, porque lhe chamou Jon e mandou-o embora. Ele estava furioso, a gritar e a dizer palavrões. Eu não posso dizer quais.

— Não faz mal. — Riley continuou a fazer festas a *Barkley* como se o peluche fosse um cão de verdade. — Percebo a ideia.

— Ele queria falar com a minha mãe, mas a Mimi disse que ela não estava cá, embora ela estivesse. Ela estava lá em cima a tomar um duche. E ele continuou a gritar e deu-lhe uma bofetada. Bateu-lhe. Não se deve bater. É errado bater numa pessoa.

— Foi errado.

— Eu gritei para ele a deixar em paz, porque ele estava a segurar-lhe nos braços e a magoá-la. E ele olhou para mim... ele ainda não me tinha visto, mas olhou para mim e a forma como ele me olhou deu-me medo. Mas ele

estava a magoar a Mimi e eu fiquei furiosa. A Mimi disse-me para eu ir para cima, mas ele estava a magoá-la. Depois, ele... ele bateu-lhe com... com o punho. — Adrian cerrou a mão boa num punho e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces. — E havia sangue e ela caiu, e eu corri. Corri para ir chamar a minha mãe, mas ele apanhou-me. Puxou-me os cabelos, com muita força, e puxou-me assim escada acima enquanto eu gritava pela minha mãe.

— Queres parar, querida? Podemos esperar para me contares o resto.

— Não. Não. A minha mãe saiu a correr e viu-o. E começou a dizer para ele me largar, mas ele não me largava. Ele não parava de dizer que ela lhe tinha arruinado a vida, com um monte de palavrões, aqueles palavrões mesmo maus, e ela dizia que não tinha dito nada, que ia resolver as coisas, mas para ele me largar. Ele estava a magoar-me. E ele chamou-me nomes feios e... ele atirou-me.

— Ele atirou-te?

— Pelas escadas. Atirou-me pelas escadas e eu bati nos degraus e o meu pulso começou a arder, e depois bati com a cabeça, mas não caí muito. Só um par de degraus, acho eu. E a minha mãe gritou-lhe e correu para cima dele e começaram a lutar. Ele bateu-lhe na cara e ele pôs-lhe as mãos assim... — Adrian colocou as mãos em torno do pescoço. — Eu não conseguia mexer-me e ele bateu-lhe na cara, mas ela também lhe bateu com muita força, deu-lhe pontapés e eles continuaram a lutar, e então... então ele tombou sobre o corrimão. Ela empurrou-o para conseguir escapar, para ir ter comigo. A cara dela tinha sangue, e ela empurrou-o e ele caiu para o outro lado do corrimão. A culpa foi dele.

— Muito bem.

— A Mimi subiu as escadas de gatas enquanto a minha mãe me abraçava e disse que a ajuda estava a caminho. E estávamos todos sujos de sangue. Nunca ninguém me tinha batido antes dele. Odeio que ele fosse meu pai.

— Como sabes que era?

— Por causa do que ele estava a gritar, do que ele me chamou. Não sou burra. E ele dá aulas na universidade onde a minha mãe andou, e ela disse-me que tinha conhecido o meu pai na universidade. Portanto... — Adrian encolheu os ombros. — É isso. Ele bateu em toda a gente e cheirava mal, e tentou atirar-me pelas escadas abaixo. Ele caiu porque era mau.

Riley pôs um braço em torno dos ombros de Adrian e pensou: *Faz sentido.*

Mimi passou a noite no hospital. Lina comprou flores na loja de presentes do hospital — o melhor que podia fazer — e levou-as para o quarto. Adrian fez

a primeira radiografia da sua vida e receberia o primeiro gesso da sua vida assim que o inchaço desaparecesse.

Em vez de tentar concluir o que Mimi tinha planeado para o jantar, Lina encomendou piza. Deus sabia que a miúda merecia. Tal como ela própria merecia um copo enorme de vinho. Serviu-se de um e, enquanto Adrian comia, violou a sua regra de longa data e serviu-se de um segundo.

Lina tinha um milhão de chamadas para fazer, mas isso teria de esperar. Tudo teria de esperar até que se sentisse mais calma.

Comeram no pátio traseiro, com as suas árvores frondosas e vedação de privacidade. Ou melhor, Adrian comeu enquanto Lina mordiscava uma única fatia entre goles de vinho.

Podia estar um pouco fresco para jantar no exterior, e era bastante tarde para Adrian se encher de piza, mas um dia mau era um dia mau.

Lina esperava que a filha conseguisse dormir, mas tinha de admitir que era um pouco desligada do ritual noturno. Era Mimi quem tratava disso.

Talvez tomasse um banho de espuma... desde que mantivesse seco o gesso temporário. Pensar no gesso, e no quão pior podia ter sido, deixou-a com ganas de voltar a encher o copo de vinho.

Contudo, Lina resistiu à tentação. Tinha um bom poder de autodisciplina.

— Como é que ele era o meu pai?

Lina levantou a vista e viu os olhos verde-dourados da filha fixos em si.

— Porque eu já fui jovem e tola. Lamento. Podia dizer que gostaria de não o ter sido, mas assim tu não estarias aqui, pois não? Não posso consertar o passado, apenas o presente e o futuro.

— Quando eras jovem e tola, ele era mais simpático?

Lina deixou escapar uma gargalhada e as suas costelas queixaram-se de um modo lamentável. Quanto deveria dizer-se a uma criança de sete anos?, perguntou-se.

— Eu pensava que sim.

— Ele já te tinha batido?

— Uma vez, somente uma vez, e depois disso eu nunca mais o vi. Se um homem bate uma vez, provavelmente vai voltar a fazê-lo.

— Tu tinhas dito que amavas o meu pai, mas as coisas não tinham resultado e ele não nos queria, por isso já não tinha importância.

— Eu pensava que o amava. Devia ter dito isso. Eu só tinha vinte anos, Adrian. Ele era mais velho, e era bonito, sedutor e inteligente. Um professor jovem. Eu apaixonei-me por quem julgava que ele era. E ele não teve qualquer importância entre essa altura e agora.

— Porque é que hoje ele estava tão zangado?

— Porque alguém, um jornalista, descobriu e escreveu um artigo. Não sei como, não sei quem lhe contou. Não fui eu.

— Não foste tu porque ele não tinha importância.

— Exatamente.

Quanto deveria dizer?, pensou Lina outra vez. Dadas as circunstâncias, talvez tudo.

— O Adrian era casado. Tinha mulher e dois filhos. Eu não sabia. Isto é, ele mentiu-me e disse-me que estava em processo de divórcio. Eu acreditei nele. — Teria realmente acreditado?, indagou-se. Naquele momento, era difícil lembrar-se. — Talvez fosse a minha vontade, mas acreditei nele. Ele tinha um pequeno apartamento perto da universidade, por isso, ei, acreditei que ele estivesse solteiro. Mais tarde, descobri que não tinha sido a única a quem ele tinha mentido. Quando descobri a verdade, acabei com tudo. Ele não quis saber.

Não era totalmente verdade, pensou ela. Ele tinha gritado, ameaçado, empurrado.

— Então, apercebi-me de que estava grávida. Mais tarde, muito depois do que devia, achei que tinha de lhe dizer. Foi quando ele me bateu. Ele não estava bêbedo como hoje.

Ele tinha estado a beber, pensou ela, mas não estava bêbedo. Não como hoje.

— Eu disse-lhe que não queria nem precisava de nada dele, que não iria humilhar-me contando a quem quer que fosse que ele era o pai biológico. E fui-me embora.

Lina omitiu as ameaças, as exigências para que abortasse e todas as outras coisas sórdidas. Não havia razão para tal.

— Eu concluí o semestre, licenciiei-me e fui para casa. O avô e a avó ajudaram-me. O resto já sabes; comecei a dar aulas e a fazer vídeos para grávidas, quando estava grávida de ti, e depois para mães e bebés.

— Bebê Ioga.

— Exato.

— Mas ele sempre foi mau. Isso significa que eu também serei?

Céus, ela não tinha jeito nenhum para a maternidade. Lina fez os possíveis para pensar no que a sua mãe diria.

— Sentes-te má?

— Às vezes, zango-me.

— A quem o dizes. — Mas Lina sorriu. — Creio que ser má é uma escolha e tu não escolhes ser má. Ele também estava certo; tu não te pareces com ele. Há demasiado Rizzo em ti.

Lina estendeu a mão sobre a mesa e segurou na mão boa de Adrian. Talvez o seu discurso parecesse demasiado adulto, mas era o melhor que conseguia fazer.

— Ele não tem importância, Adrian, a menos que nós lha demos. E nós não lha vamos dar.

— Vais ter de ir para a prisão?

Lina brindou com o copo de vinho.

— Tu não vais deixar que me levem, lembras-te? — Então viu a expressão de medo da menina e apertou-lhe a mão. — Estou a brincar, estou só a brincar. Não, Adrian. A polícia percebeu o que aconteceu. Tu disseste a verdade à detetive, certo?

— Sim. Juro.

— E eu também. E a Mimi também. Agora esquece o assunto. O que vai acontecer é que, por causa daquele artigo e do que aconteceu agora, haverá mais artigos. Eu vou falar com o Harry em breve e ele ajudar-me-á a lidar com isso.

— Podemos ir na mesma a casa do avozinho e da avozinha?

— Sim. Assim que a Mimi melhorar, e depois de tu engessares o pulso e de eu resolver algumas coisas, vamos até lá.

— Podemos ir em breve? O mais breve possível?

— Assim que pudermos. Talvez daqui a uns dias.

— Isso é breve. Lá, tudo ficará melhor.

As coisas demorariam muito a melhorar, pensou Lina, mas terminou de beber o seu vinho.

— Com certeza.

CAPÍTULO DOIS



A carreira de Lina tinha raiz na sua gravidez não planeada. Numa questão de meses, passara de estudante universitária e treinadora pessoal/instrutora de *fitness* para grupos em *part-time* para o mundo dos vídeos de exercícios.

A carreira havia demorado algum tempo a germinar, mas a determinação, a persistência e a boa cabeça de Lina para o negócio haviam-na feito florescer.

Nos meses anteriores ao dia em que Jon Bennett havia invadido a casa em Georgetown, a sua carreira prosperava, com as vendas de Bebê Ioga — vídeos, DVD, presenças e um livro (com outro previsto) — a gerarem mais de dois milhões de lucro.

Mulher atraente e sagaz, Lina aproveitava ao máximo os segmentos dos programas da manhã... e pouco depois começou a aparecer em programas ao fim da noite. Escrevia artigos para revistas de *fitness* e complementava-os com sessões de fotos.

Era uma mulher jovem e atraente, com um corpo esguio e em forma, e sabia usar ambas as coisas em seu proveito.

Conseguiu até um par de papéis como convidada em séries televisivas.

Lina gostava da ribalta e não se envergonhava disso nem das suas ambições. Acreditava completamente no seu produto — saúde, *fitness* e equilíbrio — e acreditava completamente que era a melhor pessoa para o promover.

Trabalhar muito não era problema para Lina. Ela gostava disso, das viagens, dos horários apertados e dos planos para mais. Tinha na calha uma linha de roupa de *fitness* e, com a colaboração de um nutricionista e de um médico, havia começado a fazer planos para suplementos.

Então, empurrara para a morte o homem que havia mudado inadvertidamente o rumo da sua vida.

Legítima defesa. A polícia não demorou a concluir que ela agira em defesa própria, da filha e da amiga. E, de um modo horrível, a publicidade impulsionou as vendas dos seus produtos, o reconhecimento do seu nome e das suas propostas.

Não demorou a decidir aproveitar essa maré. Uma semana após ter acontecido o pior, fez a viagem de Georgetown a Maryland decidida a tirar o melhor partido possível das circunstâncias. Usava uns óculos de sol enormes, pois nem o seu talento com a maquilhagem conseguia disfarçar os hematomas. Ainda lhe doíam as costelas, mas tinha começado a fazer uma série de exercícios modificados e meditação extra.

Mimi ainda tinha dores de cabeça esporádicas, mas o nariz partido estava a sarar e o negro do olho estava a desvanecer-se para um tom amarelado.

Adrian achava o gesso incomodativo, mas gostava que o assinassem. Segundo o médico, dentro de duas semanas precisaria de fazer outra radiografia.

Poderia ter sido pior. Lina lembrava-se constantemente de que poderia ter sido pior.

Como Harry comprou um novo Game Boy a Adrian, ela entreteve-se no banco de trás do carro durante a viagem. Lina viu as sombras das montanhas de Maryland, o pálido lilás contra um céu azul-vivo.

Quisera tão desesperadamente fugir delas, do sossego e do ritmo exasperantemente lento, e buscar movimento, multidões, gente, tudo o que havia fora dali.

E continuava a fazê-lo.

Não era feita para pequenas terras nem para a vida no campo. Sabia Deus que nunca quisera fazer almôndegas, nem molho de piza, nem gerir um restaurante — fosse esse o seu legado familiar ou não.

Sempre havia ansiado pelas multidões, pela cidade e, sim, pela ribalta.

Considerava Nova Iorque a sua residência fixa, se não mesmo a sua casa. A sua casa era, e sempre seria, o lugar onde coabitavam o trabalho e a ação.

Quando saiu finalmente da I-70, o tráfego desapareceu e a estrada começou a serpentear pelo meio de colinas, campos verdes e algumas casas e quintas espalhadas.

Bem, pensou ela, uma pessoa *podia* voltar a casa, mas não podia lá ficar. Pelo menos, não Lina Thereza Rizzo.

— Estamos quase a chegar! — disse Adrian, com alegria na voz, no banco traseiro. — Olhem! Vacas! Cavalos! Quem me dera que o avozinho e a avoziinha tivessem cavalos. Ou galinhas. Galinhas seria divertido.

Adrian abriu a janela e pôs cabeça de fora como um cachorrinho feliz. Os

seus caracóis negros dançavam ao vento. E acabariam emaranhados como um ninho de ratos, cheios de nós.

Então, veio a enxurrada de perguntas: «Quanto falta? Posso baloiçar no pneu? A avozinha terá limonada? Posso brincar com os cães? Posso? Porquê?»

Lina deixou Mimi lidar com as perguntas. Em breve teria de responder a outras.

Virou junto ao celeiro vermelho, em cuja palha havia perdido a virgindade ainda antes de completar os dezassete anos. Com o filho de um criador de gado leiteiro, recordou. Capitão da equipa de futebol. Matt Weaver, pensou ela. Bonito, bem constituído e amável, mas nada palerma. Haviam-se amado, como se ama quando ainda não se tem dezassete anos. Ele dizia que um dia queria casar-se com ela, mas ela tinha outros planos.

Ouvira dizer que ele havia casado com outra pessoa, tinha um ou dois filhos e continuava a trabalhar com o pai na quinta.

Bom para ele, pensou ela com sinceridade, mas não era para ela, nunca seria.

Virou de novo, para longe da pequena vila de Traveler's Creek, em cuja diminuta praça central o restaurante italiano Rizzo's se havia imposto, como uma instituição, durante duas gerações. Os seus avós, que o haviam construído, tinham finalmente aceitado que precisavam de um clima mais quente. Mas não tinham montado outro Rizzo's em Outer Banks? Estava-lhes no sangue, diziam; mas, felizmente, de alguma forma, esse gene não estava presente no sangue dela.

Lina seguiu o riacho, em direção a uma das três pontes cobertas que atraíam fotógrafos, turistas e casamentos para a região. Supunha que tivesse o seu encanto, ali plantada na pequena elevação sobre a curva do pequeno rio. E, como sempre, Mimi e Adrian soltaram um «oh», em uníssono, quando atravessaram a ponte de paredes vermelhas e telhado azul em bico.

Lina virou outra vez, ignorando a forma como Adrian saltitava como uma bola de borracha no banco traseiro, e tomou finalmente o caminho sinuoso, que atravessava a segunda ponte sobre o riacho que dava nome à vila, até chegarem à grande casa na colina.

Os cães, um grande rafeiro amarelo e um pequeno podengo de orelhas compridas, aproximaram-se a correr.

— Ali vêm o *Tom* e o *Jerry*! Oh! Olá, meninos!

— Mantém o cinto de segurança até eu parar, Adrian.

— Mãe! — Mas a menina fez o que a mãe mandou e continuou simplesmente a saltar. — A avozinha e o avozinho estão ali!

De mãos dadas, Dom e Sophia saíram para o grande alpendre que

rodeava a casa. Sophia, cujos caracóis castanhos lhe emolduravam o rosto, media quase um metro e oitenta de altura com as suas sapatilhas cor-de-rosa, mas o marido ultrapassava-a com os seus quase dois metros.

Fortes e em forma, à sombra do alpendre do primeiro andar, ambos aparentavam ser dez anos mais novos. Que idade tinham agora?, perguntou-se Lina. A mãe teria uns sessenta e sete ou sessenta e oito anos, e o pai era uns quatro anos mais velho. Tinham começado a namorar no liceu e estavam casados há quase cinquenta anos.

Haviam sofrido a perda de um filho, que vivera menos de quarenta e oito horas, três abortos e um enorme desgosto perante a opinião médica de que não poderiam ter mais filhos.

Até que, quando estavam ambos na casa dos quarenta... surpresa! Lina Theresa chegou.

Lina estacionou debaixo de um amplo telheiro, ao lado de uma reluzente carrinha vermelha e de um robusto SUV preto. Sabia que o queridinho da mãe — o elegante descapotável turquesa — tinha o seu lugar de honra na garagem.

Assim que puxou o travão, Adrian saltou do carro.

— Avozinha! Avozinho! Olá, meninos! — Abraçou os cães quando *Tom* se encostou a ela e *Jerry* começou a abanar-se e a lambê-la. Depois correu para os braços abertos do avô.

— Eu sei que tu achas que estou a cometer um erro, — começou Lina, — mas olha para ela, Mimi. Isto é o melhor para ela neste momento.

— Uma menina precisa da mãe. — Dito isto, Mimi saiu do carro, pôs um sorriso no rosto e encaminhou-se para o alpendre.

— Meu Deus, não vou propriamente metê-la num cesto e abandoná-la no meio dos juncos. É só um verão, porra.

Sophia desceu os degraus do alpendre e encontrou-se com ela a meio caminho. Segurou o rosto magoado da filha com uma mão e, sem dizer nada, abraçou-a simplesmente. Nada do que acontecera na terrível semana anterior estivera tão perto de a fazer desabar.

— Não posso, mãe. Não quero que a Adrian me veja chorar.

— As lágrimas sentidas não são motivo de vergonha.

— Já todas chorámos o que baste por uns tempos. — Lina recuou. — Estás com bom ar.

— Não posso dizer o mesmo de ti.

Lina forçou um sorriso.

— Devias ver como ficou o outro.

Sophia soltou uma breve gargalhada.

— Essa é a minha Lina. Anda, vamos sentar-nos no alpendre, visto que está tão agradável. Deves estar com fome. Vamos comer.

Talvez fosse o sangue italiano, ou talvez fossem os genes de donos de restaurante. Fosse como fosse, os pais de Lina presumiam que quem chegava à sua casa tinha de estar com fome.

Os adultos sentaram-se à mesa redonda do alpendre enquanto Adrian brincava com os cães no pátio dianteiro. Havia pão e queijo, entradas e azeitonas. A limonada que Adrian tanto desejava enchia um jarro de vidro. Embora passasse pouco do meio-dia, havia vinho. O meio copo que Lina se permitiu beber ajudou a aliviar as tensões da viagem.

Não falaram do que tinha acontecido porque Adrian voltou a correr para se sentar — por breves instantes — no colo de Dom para exibir o seu novo Game Boy, ou para beber limonada e falar sobre os cães.

O pai era tão paciente, pensou Lina. Sempre tão paciente com as crianças e tão bom para elas. E tão bonito, com os seus cabelos brancos como a neve e as rugas de expressão em torno dos olhos castanho-dourados.

Toda a vida pensara que ele e Sophia formavam o casal perfeito: ambos altos e elegantes, bonitos e em total harmonia um com o outro.

Enquanto ela sempre se sentira um pouco desajustada.

Bem, mas ela sempre fora assim, não fora? Sempre destoara um pouco deles, daquele lugar, da vila que os habitantes locais chamavam Creek.

E encontrara o seu ritmo noutro lugar.

Adrian deu risadinhas quando, depois de os avós terem assinado obedientemente o seu gesso, a avó desenhou os cães e acrescentou os seus nomes.

— Os vossos quartos estão prontos — disse Sophia. — Levaremos as malas para cima para que as possam desfazer e descansar, caso queiram.

— Tenho de ir ao restaurante, — acrescentou Dom, — mas estarei de volta antes do jantar.

— Na verdade, há dias em que a Adrian só fala no baloiço. Mimi, podias ir com ela até às traseiras e deixá-la brincar um bocado.

— Está bem. — Mimi levantou-se e, apesar de ter dirigido um olhar desaprovador a Lina, gritou alegremente a Adrian: — Vamos para o baloiço!

— Sim! Venham, meninos!

Dom esperou que Adrian contornasse a casa a correr, seguida de Mimi.

— E o que foi isto?

— Eu e a Mimi não vamos ficar. Tenho de regressar a Nova Iorque, acabar o projeto que comecei em Washington D.C. Não me é possível terminá-lo agora aqui, por isso... espero que não se importem de ficar com a Adrian.

— Lina. — Sophia estendeu a mão para segurar na da filha. — Precisas

pelo menos de uns dias para descansar, para recuperar, para ajudar a Adrian a sentir-se segura outra vez.

— Não tenho tempo para descansar e recuperar, e onde poderia a Adrian sentir-se mais segura senão aqui?

— Sem a mãe?

Lina virou-se para o pai.

— Ela ter-vos-á aos dois. Tenho de passar à frente desta história. Não posso permitir que destrua a minha carreira nem o meu negócio, por isso, vou adiantar-me e tomar as rédeas da situação.

— Aquele homem podia ter-te matado... a ti, à Adrian e à Mimi.

— Eu sei, pai, acredita. Eu estava lá. Ela será feliz aqui, ela adora estar aqui. Há dias que não falava de outra coisa. Trouxe o seu registo médico para que possa ir a um médico fazer a próxima radiografia. O médico de D.C. acha que ela poderá pôr uma tala removível dentro de uma ou duas semanas. É uma lesão comum e pouco importante, por isso...

— Pouco importante!

Quando o pai explodiu, Lina levantou as mãos.

— Ele tentou atirá-la da escada abaixo. Eu não consegui chegar a ela a tempo. Não consegui detê-lo. Se ele não estivesse tão entorpecido, a cair de bêbedo, teria conseguido fazê-lo e ela teria partido o pescoço em vez do pulso. Acredita que nunca irei esquecer isso.

— Dom — murmurou Sophia, dando umas palmadinhas na mão do marido. — Quanto tempo queres que ela fique connosco?

— Durante o verão. Olhem, eu sei que é muito tempo e que é pedir muito...

— Adoráramos tê-la aqui, — disse simplesmente Sophia, — mas fazes mal, Lina. Fazes mal em deixá-la agora. Não obstante, encarregar-nos-emos de a manter feliz e em segurança.

— Agradeço-vos. Ela já concluiu praticamente o ano escolar, mas a Mimi ainda tem alguns trabalhos para ela e instruções para vocês. Quando as aulas começarem, todos nós, incluindo ela, teremos superado isto.

Os pais não disseram nada por um momento, fitaram-na simplesmente. Os olhos castanho-dourados do pai e os verdes da mãe fizeram-na pensar que a filha era muito uma mistura daquelas duas pessoas.

— Ela sabe que vais deixá-la aqui? — perguntou Dom. — Que vais voltar para Nova Iorque sem ela?

— Eu não lhe disse nada porque primeiro precisava de vos perguntar. — Lina levantou-se. — Vou falar com ela agora. A Mimi e eu temos de nos pôr a caminho daqui a pouco. — Lina calou-se por instantes. — Eu sei que vos

desiludi... outra vez. Mas creio que isto é o melhor para todos. Preciso de tempo para organizar as ideias e não conseguiria dar-lhe a atenção de que ela precisa neste momento. Além disso, se ela estiver aqui convosco, não corre o risco de um jornalista qualquer lhe tirar fotografias e de pespegar a cara dela num tabloide.

— Mas tu vais à procura de publicidade — recordou-lhe Dom.

— Do tipo que posso controlar e orientar, sim. Sabes, pai, muitos homens não são como tu. Não são amáveis nem amorosos, e muitas mulheres acabam com hematomas na cara. — Tocou com um dedo por baixo do olho. — Muitos miúdos acabam com um braço engessado. Podes ter a certeza de que falarei disso quando tiver oportunidade para tal.

Lina afastou-se a passos largos, furiosa, porque acreditava que estava certa. E frustrada porque desconfiava de que estava errada.

Uma hora depois, Adrian estava no alpendre a ver a mãe e Mimi irem-se embora.

— Ele magoou toda a gente por minha causa, por isso, ela não me quer por perto.

Dom curvou-se, da sua considerável altura, e pousou delicadamente as mãos nos ombros da menina até ela o olhar nos olhos.

— Isso não é verdade. Nada disto é culpa tua, e a tua mãe está a deixar-te ficar connosco porque vai estar muito ocupada.

— Ela está sempre ocupada. A Mimi é que toma conta de mim.

— Todos nós pensávamos que gostarias de passar o verão connosco. — Sophia deslizou uma mão pelos cabelos de Adrian. — Se não estiveres feliz, digamos, dentro de uma semana, eu e o avozinho levamos-te para Nova Iorque.

— Verdade?

— Sim. Mas durante uma semana vamos poder ter a nossa neta preferida connosco. Teremos a nossa *gioia*. A nossa alegria.

Adrian esboçou um sorriso.

— Sou a vossa única neta.

— Continuas a ser a preferida. E se ficares feliz, o avozinho pode ensinar-te a fazer ravióli e eu posso ensinar-te a fazer tiramisu.

— Mas terás tarefas. — Dom tocou com um dedo no nariz da neta. — Alimentar os cães, ajudar no jardim.

— Vocês sabem que eu gosto de fazer isso quando venho visitar-vos. Isso não são tarefas.

- O trabalho feliz não deixa de ser trabalho.
- Posso ir ao restaurante ver-te a lançar a massa da piza ao ar?
- Durante esta visita, vou ensinar-te a lançar a massa. E podemos começar assim que tirares o gesso. Agora tenho de ir ao restaurante. Vai lavar as mãos e depois podes vir comigo.
- Boa!
- Quando Adrian correu para dentro da casa, Dom endireitou-se e suspirou.
- As crianças são resilientes. Ela vai ficar bem.
- Sim, vai, mas a Lina nunca recuperará este tempo. Bem... — Sophia deu uma palmadinha na face de Dom.
- Não lhe compres demasiados doces.
- Vou comprar-lhe os suficientes.

Raylan Wells fazia os seus estúpidos trabalhos de casa sentado a uma mesa para dois no Rizzo's. A seu ver, já *tinha* trabalhos de casa porque tinha tarefas em casa, por isso porque é que não podiam os trabalhos da escola ficar na estúpida escola?

Aos dez anos, Raylan sentia-se muitas vezes desorientado e atacado pelo mundo dos adultos e pelas regras impostas às crianças.

Já tinha terminado o trabalho de matemática, que considerava fácil porque a matemática fazia sentido. Montes de outras tretas não faziam. Como, por exemplo, responder a um monte de perguntas sobre a Guerra Civil. Certo, viviam mais ou menos perto de Antietam e isso tudo, e o campo de batalha era fixe, mas tudo isso tinha *acabado*. A União perdera, a Confederação vencera. Como dizia Stan Lee, e Stan Lee era um génio, não era preciso dizer mais nada.

Então, Raylan respondeu a uma pergunta, depois fez uns rabiscos, respondeu a outra pergunta e começou a imaginar uma batalha épica entre o Homem-Aranha e o Doutor Octopus.

Como estavam no que a mãe chamava «período de afrouxamento» — depois do almoço e antes do jantar —, a maioria dos clientes eram miúdos de liceu que iam jogar videojogos nas traseiras, talvez comer uma fatia de piza ou beber uma *Coca-Cola*.

Ele não podia jogar nada enquanto não terminasse os estúpidos trabalhos de casa. Regra da mãe. Dirigiu o olhar para o outro lado da sala de refeições quase vazia, para lá do balcão, em direção à grande cozinha aberta onde ela trabalhava.

Seis meses antes, a mãe só cozinhava em casa, na sua cozinha. Mas isso fora antes de o pai se ir embora. Agora cozinhava ali porque precisavam de pagar contas e outras coisas. A mãe usava o grande avental vermelho com a palavra

«RIZZO'S» na parte da frente e tinha o cabelo apanhado debaixo do ridículo chapéu branco que todos os cozinheiros e ajudantes de cozinha usavam.

Ela dizia que gostava de trabalhar ali, e ele achava que ela estava a dizer a verdade porque parecia feliz quando trabalhava no fogão gigante. E, principalmente, porque conseguia perceber quando ela não estava a dizer a verdade. Como quando dissera a ele e à irmã que estava tudo bem, mas os seus olhos não diziam o mesmo.

No início, ele ficara assustado, mas dissera para si mesmo que estava tudo bem. Maya começara a chorar, mas tinha apenas sete anos e era menina, mas já tinha conseguido superar.

Ou quase.

Raylan supunha que era agora o homem da casa, mas aprendera bastante depressa que isso não significava que pudesse saltar os trabalhos de casa ou ficar acordado até tarde em vésperas de escola. Por isso, respondeu a outra pergunta idiota sobre a Guerra Civil.

Maya tinha permissão para ir para casa da sua amiga Cassie, fazer os deveres com ela. Não que ela costumasse ter muitos. A ele? Permissão negada.

Talvez porque, no dia anterior, ele, o melhor amigo e os seus outros dois melhores amigos tivessem ido jogar basquetebol e divertir-se em vez de fazerem os trabalhos de casa. E no dia anterior a esse.

O Doutor Octopus não podia fazer nada contra a Fúria Materna, por isso agora tinha de se apresentar no Rizzo's depois das aulas, em vez de ir para casa de Mick, de Nate ou de Spencer.

A coisa não seria tão má se Mick, Nate ou Spencer pudessem fazer-lhe companhia no Rizzo's, mas as mães dos amigos também tinham a fúria.

Quando viu o senhor Rizzo entrar, Raylan animou-se um pouco. Quando o senhor Rizzo ia para a cozinha, lançava massa de piza. A mãe de Raylan e alguns dos outros cozinheiros também sabiam lançar massa, mas o senhor Rizzo fazia malabarismos, como lançá-la ao ar, rodopiá-la e voltar a apanhá-la atrás das costas.

Quando não estavam demasiado atarefados, ele deixava Raylan entrar e fazer a sua própria piza com os ingredientes que quisesse... de borla.

Raylan não prestou muita atenção à criança que entrou com o senhor Rizzo, porque era uma menina, mas ela tinha o braço engessado, o que a tornava ligeiramente mais interessante.

Raylan começou a inventar motivos para o gesso enquanto terminava as últimas perguntas estúpidas dos seus deveres. Ela tinha caído num poço, ou de uma árvore, ou de uma janela de uma casa em chamas.

Com as perguntas finalmente respondidas, deu início ao último trabalho.

Fizera primeiro o trabalho de matemática porque era fácil. Depois, a porcaria do trabalho de história, porque era enfadonho. E deixara para o fim o trabalho de elaborar frases com as palavras que tinham soletrado naquela semana porque era divertido.

Gostava mais de palavras do que de matemática, e quase tanto como gostava de desenhar.

1. Pedestre. O carro da fuga do assalto ao banco atropelou o pedestre quando arrancou a grande a velocidade.
2. Vizinhança. Quando os extraterrestres do planeta Zork invadiram a Terra, o mundo só contava com o único e inigualável amigo da vizinhança, Homem-Aranha, para o proteger.
3. Colheita. O cientista malvado raptou montes de pessoas e começou com a colheita dos seus órgãos para as suas experiências loucas.

Raylan concluiu a última das dez palavras no momento em que a mãe se sentou com ele à mesa.

— Já fiz a porcaria dos trabalhos todos.

Como já tinha terminado o seu turno, Jan havia tirado o avental e o chapéu. Tinha cortado o cabelo depois de o marido a ter deixado e achava que o corte estilo *pixie* lhe ficava bem. Além disso, não demorava quase tempo nenhum a ajeitá-lo.

Jan achava que Raylan também estava a precisar de um corte. O cabelo do filho, outrora muito louro, tinha começado a adquirir o tom mel-escuro do seu. O menino estava a crescer, pensou enquanto fazia sinal para que Raylan lhe mostrasse os trabalhos.

Raylan revirou os seus maravilhosos olhos verde-garrafa — iguais aos do pai — e empurrou a capa de argolas sobre a mesa.

O menino estava a crescer, pensou ela, e o seu cabelo já não era louro e fino como o de um bebé, mas espesso e um pouco ondulado. Havia perdido o rosto redondo de bebé — para onde tinha fugido o tempo? — e tinha os traços definidos que levaria para a idade adulta.

Havia passado de fofinho a bonito mesmo diante dos seus olhos.

Verificou o trabalho do filho, porque embora conseguisse ver no menino o homem que ele se tornaria um dia, ele gostava de se baldar às obrigações. Leu as frases e suspirou.

— Comprometer. O Cavaleiro das Trevas fez questão de se comprometer a proteger e defender com todo o seu poder.

Raylan sorriu simplesmente.

— Resulta.

— Porque é que alguém tão inteligente gasta tanto tempo e esforço a evitar trabalhos de casa que consegue fazer em menos de uma hora?

— Porque os trabalhos de casa são uma seca.

— É verdade — concordou ela. — Mas é o teu trabalho. Hoje portaste-te bem.

— Então posso ir para casa do Mick?

— Para alguém tão bom a matemática, estás a ter dificuldade em contar os dias de escola que faltam na semana. Nada de convívio com os amigos antes de sábado. E se voltas a falhar os deveres...

— Não saio de casa durante duas semanas — concluiu ele num tom mais pesaroso do que chateado. — Mas o que vou *fazer* agora? São *horas*.

— Não te preocupes, meu querido. — Jan devolveu a capa ao filho. — Tenho muitas coisas para tu fazeres.

— Tarefas. — Agora estava chateado. — Mas eu fiz os trabalhos de casa todos.

— Oh, queres um prémio por teres feito o que tinhas de fazer? Já sei! — Com um enorme sorriso e um brilho nos olhos, Jan bateu palmas. — E se eu te beijasse a cara toda? — Inclinou-se para o filho. — Podia beijar-te a cara toda aqui mesmo, em frente a toda a gente. Nham-nham, beijo-beijo.

Raylan encolheu-se, mas não conseguiu conter o sorriso.

— Para com isso!

— Beijos grandes e repenicados não te envergonhariam, pois não, meu menino querido?

— És estranha, mãe.

— Saio a ti. Agora vamos buscar a tua irmã e vamos para casa.

Raylan voltou a meter a capa na mochila carregada.

As pessoas começavam a entrar para beber uma cerveja ou um copo de vinho, ou para jantarem mais cedo com amigos.

O senhor Rizzo já tinha posto o chapéu e o avental e estava a fazer malabarismos com a massa de piza. A menina estava sentada num banco alto ao balcão e aplaudia.

— Adeus, senhor Rizzo!

O senhor Rizzo apanhou a massa, fê-la girar e piscou o olho.

— *Ciao*, Raylan. Toma conta da tua mamã.

— Sim, senhor.

Saíram para o alpendre dianteiro, onde já estavam algumas pessoas sentadas nas mesas, a beber e a comer. Vasos de flores soltavam fragrâncias que se misturavam com o cheiro a calamares fritos, molho picante e pão torrado.

A vila tinha grandes vasos de cimento com flores espaçados ao longo da praça, e alguns dos negócios tinham mais vasos ou cestos suspensos.

Enquanto esperavam que o semáforo dos peões ficasse verde, Jan teve de se controlar para não dar a mão ao filho. Dez anos, lembrou a si mesma. Não queria dar a mão à mãe para atravessar a rua.

- Quem era a miúda que estava com o senhor Rizzo?
- Hã? Ah, é a neta dele, Adrian. Veio passar o verão com eles.
- Porque é que tem gesso no braço?
- Magooou o pulso.
- Como? — perguntou ele enquanto atravessavam a rua.
- Caiu.

Como sentia os olhos de Raylan fixos nela enquanto percorriam o quarteirão seguinte, Jan olhou para o filho.

- O que foi?
- Estás com aquela cara.
- Que cara.
- Estás com aquela cara que fazes quando não me queres contar alguma coisa má.

Jan calculava que fosse verdade. E calculava que, numa terra do tamanho de Traveler's Creek, da qual os Rizzos eram parte integrante, Raylan — com os seus ouvidos de tísico — acabaria por ouvir a história.

- O pai magooou-a.
- A sério? — O seu pai havia dito e feito muitas coisas más, mas nunca lhe magoara o pulso, nem o de Maya.

— Espero que respeites a privacidade do senhor e da senhora Rizzo, Raylan. E como vou levar a Maya lá a casa para ver se elas se fazem amigas, porque têm a mesma idade, não quero que digas nada à tua irmã. Se a Adrian quiser contar-lhe, ou a qualquer outra pessoa, é uma decisão dela.

- Está bem, mas, credo, o pai dela partiu-lhe o braço!
- Foi o pulso, mas é igualmente mau.
- Ele está na prisão?
- Não. Morreu.

— C'um caraças. — Atordoados, e um pouco empolgados, o menino começou a dar pulinhos em pontas de pés. — E foi ela que o matou, ou assim, para se defender?

— Não. Não sejas tolo. Ela é apenas uma menina que passou por uma experiência terrível. Não quero que a metralhes com perguntas.

Chegaram a casa de Cassie, que ficava mesmo em frente da deles, do outro lado da rua.

Eles tinham podido ficar com a casa porque os Rizzos haviam dado trabalho à mãe depois de o pai os ter abandonado e levado quase todo o dinheiro que tinham no banco.

Essa era uma das coisas muito más que ele havia feito.

Depois disso, Raylan ouvira a mãe chorar quando pensava que ele estava a dormir... isso antes de ela conseguir o trabalho.

Ele nunca faria nem diria nada para magoar o senhor ou a senhora Rizzo.

Mas a miúda parecia-lhe agora muito mais interessante.

CAPÍTULO TRÊS



Tudo naquele verão mudou quando Adrian conheceu Maya. O seu mundo abriu-se com dormidas em casa uma da outra, saídas para brincar e segredos partilhados.

Pela primeira vez na vida, ela tinha uma melhor amiga de verdade.

Adrian ensinou-lhe ioga e passos de dança — e quase a fazer um mortal — e Maya ensinou-a a girar um bastão de líder de claque e a jogar *Yahtzee*.

Maya tinha um cão chamado *Jimbo*, que conseguia andar sobre as patas traseiras, e uma gata chamada *Miss Priss*, que gostava de mimos.

Tinha um irmão chamado Raylan, mas ele só gostava de jogar videojogos, ler livros de banda desenhada e andar com os amigos, por isso não o via muito. Mas ele tinha olhos verdes, mais verdes e escuros do que os da sua mãe e da sua avó. Como se tivessem recebido uma sobrecarga de verde. Maya dizia que ele era basicamente um idiota, mas Adrian não via provas reais disso, visto que ele as evitava. E ela gostava muito dos olhos dele.

Por outro lado, fê-la perguntar-se como seria ter um irmão ou uma irmã. Uma irmã seria melhor, *obviamente*, mas ter alguém com idade próxima à sua em casa parecia-lhe divertido.

A mãe de Maya era muito simpática. A avozinha dizia que ela era uma joia, e o avozinho dizia que ela era ótima cozinheira e muito trabalhadora. Às vezes, quando a senhora Wells estava a trabalhar, Maya ia para casa dos seus avós e ficava lá o dia todo, e se elas pedissem a tempo, também iam para lá outras meninas.

Depois de retirado o gesso, teve de usar uma tala removível durante mais três semanas, mas podia tirá-la quando queria tomar um banho de espuma ou quando era convidada para nadar na piscina do jardim das traseiras de Cassie, amiga de Maya.

Certo dia, em meados de junho, subiu com Maya para ir buscar tudo aquilo de que necessitavam para o chá que queriam tomar no exterior, à sombra da árvore grande.

Adrian parou à porta aberta do quarto de Raylan. Ele costumava tê-la fechada com uma placa a dizer «ACESSO INTERDITO».

— Não é suposto entrarmos sem permissão — disse-lhe Maya. A menina usava naquele dia os cabelos dourados apanhados em tranças, porque era o dia de folga da mãe e ela tivera tempo para lhas fazer. Maya apoiou uma mão na anca, como era seu costume, e revirou os olhos. — Como se quiséssemos. Está todo desarrumado e cheira mal.

Adrian não conseguia cheirar nada da porta, mas o quarto estava realmente desarrumado. Ele nem sequer ajeitara a cama. Havia roupa e sapatos espalhados pelo chão, juntamente com figuras de ação.

No entanto, as paredes captaram a sua atenção. Raylan havia-as forrado de desenhos. Super-heróis, batalhas com monstros e supervilões, naves espaciais, edifícios estranhos e florestas de aspeto assustador.

— Ele desenhou isto tudo?

— Sim, ele está sempre a desenhar. Ele desenha bem, mas são sempre coisas parvas. Nunca desenha nada bonito... exceto uma vez, para dar à minha mãe, no Dia da Mãe. Desenhou-lhe um ramo de flores, e pintou-as e tudo. Ela chorou, mas porque gostou.

Adrian não achava que os desenhos fossem parvos; alguns eram um tanto assustadores, mas não eram parvos. Contudo, não o verbalizou, visto que Maya era a sua melhor amiga.

Quando ela tentava espreitar um pouco mais, Raylan subiu as escadas a correr. O menino estacou por um momento e semicerrou os olhos. Depois aproximou-se a passos largos e colocou-se à entrada da porta, para a bloquear.

— Não podem entrar no meu quarto.

— Não entrámos, imbecil. Ninguém quer entrar no teu quarto fedorento. — Maya fungou exageradamente e pespegou uma mão na anca.

— A porta estava aberta — disse Adrian antes que Raylan pudesse retaliar contra a irmã. — Eu não entrei, a sério. Estava só a olhar para os desenhos. São muito bons. Gosto especialmente do do Homem de Ferro. Este — acrescentou, fazendo uma pose como se estivesse a voar, com um braço esticado e o punho cerrado.

Os olhos furiosos de Raylan fixaram-se nos dela. Adrian retraiu-se instintivamente quando o seu pulso latejou com uma dor ilusória.

Ele viu-a tapar o pulso enfaixado com a outra mão e lembrou-se do que o pai lhe tinha feito. Qualquer pessoa teria medo se o próprio pai lhe partisse

alguma parte do corpo. Então, forçou-se a encolher os ombros, como se não se importasse, mas talvez estivesse um bocadinho impressionado por ela saber quem era o Homem de Ferro.

— Não faz mal. Isto era apenas um esboço. Eu consigo fazer melhor.

— O do Homem-Aranha com o Doutor Octopus também está muito fixe.

Certo, estava mais do que um bocadinho impressionado. Nenhuma das outras amigas parvas de Maya sabia distinguir o Doutor Octopus do Duende Verde.

— Pois, acho que sim. — Considerando que bastava de conversa com uma rapariga, Raylan disse com desprezo para a irmã: — Fora daqui.

Dito isto, entrou e fechou a porta.

Maya fez o seu sorriso radioso.

— Vês. É um idiota. — Agarrou na mão de Adrian e avançou para o seu quarto para ir buscar o necessário para o chá.

Nessa noite, antes de ir para a cama, Adrian foi buscar papel e lápis para tentar desenhar a sua super-heroína favorita: a Viúva Negra.

Tudo o que desenhou pareciam borrões unidos a linhas ou a outros borrões. Infelizmente, teve de voltar ao que costumava desenhar: uma casa, árvores, flores e um grande Sol redondo.

Porém, nem esse ficou muito bom; nenhum dos seus desenhos o era... embora a avozinha prendesse sempre um na porta do frigorífico. Não tinha jeito para desenhar. Também não tinha muito jeito para cozinhar, ainda que a avozinha e o avozinho dissessem que aprendia depressa.

Para o que teria jeito?

Para se consolar, fez um pouco de ioga — mas teve de ter cuidado para não exercer demasiada pressão sobre o pulso.

Quando concluiu o ritual noturno, escovou os dentes e vestiu o pijama. Estava prestes a ir dizer ao avô que estava pronta para se ir deitar — naquela noite, a avó estava a trabalhar no Rizzo's — quando ele bateu na porta aberta.

— Vejam a minha menina. Toda limpa e reluzente, pronta para se deitar. E vejam isto — continuou ele quando viu o desenho. — Isto tem de ir para a nossa galeria de arte.

— É um desenho de bebé.

— A arte está nos olhos de quem a vê, e eu gosto.

— O irmão da Maya, o Raylan, sabe desenhar muito bem.

— É verdade. É muito talentoso. — Dom olhou para o rosto amuado da neta. — Mas nunca o vi andar sobre as mãos.

— Eu ainda não posso fazer isso.

— Mas vais voltar a fazê-lo. — Beijou-lhe o alto da cabeça e conduziu-a

à cama. — Vamos aconchegar-te e ao *Barkley* para podemos ler mais um capítulo de *Matilda*. A minha menina lê melhor do que a maior parte dos adolescentes.

Adrian tapou-se com o cão de peluche.

— Mente ativa, corpo ativo.

Quando Dom se riu e se sentou com o livro ao lado dela na cama, ela encostou-se ao avô. Ele cheirava à erva que havia cortado antes do jantar.

— Achas que a mãe tem saudades minhas?

— Claro que sim. Ela não telefona todas as semanas para falar contigo, para ver como estás e o que tens feito?

Quem me dera que telefonasse mais, pensou Adrian, *mas não me pergunta muito o que tenho feito*.

— Acho que amanhã vou ensinar-te a fazer massa, e depois tu podes ensinar-me a fazer alguma coisa.

— O quê?

— Uma daquelas sequências de exercícios que costumas fazer. — Dom deu-lhe uns toquezinhos no nariz. — Mente ativa, corpo ativo.

A menina ficou encantada com a ideia.

— Boa! Posso inventar uma para ti.

— Que não seja demasiado difícil. Sou novo nessas coisas. Para já, lê-me uma história...